

Contribuição - Boletim Ecos

CÉSAR ROTA JR.

O CORPO

(Araldo Antunes)

O corpo existe e pode ser pego.

É suficientemente opaco para que se possa vê-lo.

Se ficar olhando anos você pode ver crescer o cabelo.

O corpo existe porque foi feito.

Por isso tem um buraco no meio.

O corpo existe, dado que exala cheiro.

E em cada extremidade existe um dedo.

O corpo se cortado espirra um líquido vermelho.

O corpo tem alguém como recheio.

Fonte: <https://www.lyrikline.org/pt/poemas/o-corpo-5640>

Na contemporaneidade, são muitas as formas de manifestação da incidência de *lalíngua* no corpo, em um escape dessa inscrição imaginária que toma como referência a cadeia significante. De alguma maneira, o que testemunham os analistas, são modos singulares de invenção do corpo próprio que, se existe, “existe porque foi feito”, em uma invenção do ser falante, invenção esta sempre singular. Araldo Antunes nos indica um corpo opaco, ao qual algo falta, ao encontro do que nos ensinou Lacan, que nenhum sujeito da linguagem escapa a essa opacidade, e por isso inventamos formas de lidar com esse “buraco no meio”, seja pela fantasia, pelo delírio ou pelo ato. E é nas veredas da manufatura de um corpo para si que o sujeito o inventa. Os autistas, em especial, nos possibilitam, como Bayón (2020) nos ajuda a pensar, vislumbrar mais de perto, se assim posso dizer, os efeitos de *lalíngua* sobre o corpo. O sujeito autista, especificamente, não conseguiria afastar-se desse ponto de gozo primário e, sem o recurso do significante que possibilita uma extração de gozo, busca, em um sentido fixado, em um signo, fazer uma borda ao corpo que, embora por vezes não pareça, “tem alguém como recheio”, um sujeito suposto pelo analista que o escuta e que por ele se deixa guiar.

Referências

BAYÓN, Patricio Álvares. El autismo, entre lalengua y la letra. Olívios: Grama Ediciones, 2020.